



Dança do Lindô: Uma tradição transmitida do Leste para o Sul do Maranhão¹

Júlio Oliveira Lima FILHO²
Letícia Conceição Martins CARDOSO³
Lúcia Maria PACHECO⁴

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

RESUMO

Uma característica da cultura popular é a transmissão oral e coletiva, permitindo a sobrevivência das manifestações culturais aos processos de globalização. Esta pesquisa tem como objeto de estudo a transmissão oral da Dança do Lindô praticada pelo grupo Batalhão Real em Imperatriz-MA. A pesquisa é pautada pela história oral da vivência de campo com a Mestra do Lindô, utilizando entrevistas gravadas, observação direta e participante, e registro digital do grupo guiado pela perspectiva folkcomunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Popular; Dança do Lindô; Batalhão Real; Folkcomunicação.

Introdução

O Lindô é uma dança de roda composta por passos que nos fazem lembrar as tradicionais quadrilhas. Como uma grande brincadeira de crianças, os *brincantes*⁵ em pares entrelaçam os braços e pulam trocando de par e respondendo o refrão das músicas.

O ritmo e os sons do Lindô lembram os sons da cultura africana. Os africanos originários de várias regiões com sólida tradição musical possuíam amplo domínio dos tambores. A presença do tambor na Dança do Lindô é forte e contribui na marcação dos passos durante o bailado.

A dança foi uma das primeiras manifestações de integração entre os seres humanos. Ela é uma linguagem não verbal que revela sentimentos de pertencimentos.

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Co-Autor. Estudante de Graduação 3º. Comunicação Social/Jornalismo da UFMA, email: juliolimafilho@yahoo.com.br

³ Orientadora do Trabalho. Professora Msc. Letícia Conceição Martins Cardoso do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFMA, email: lelecardoso@yahoo.com.br

⁴ Autora do Artigo. Graduada do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFMA, email: lucia-itz@hotmail.com.

⁵ O termo *brincar* vem da expressão “colocar brincos”, como diria DAMATTA (1981), simbolicamente tem a ver com as brincadeiras de criança, com o mundo da fantasia, do sonho, da magia, da representação, enfim, do lúdico. Relaciona-se com aquilo que extrapola o cotidiano dos sujeitos e foge ao domínio do real, das condições materiais da vida. Assim, quem participa das brincadeiras é chamado de *brincante*.



Organizadas nas sociedades, as danças eram usadas como instrumentos de manifestação de temores, de rituais festejando a natureza, de mudança na vida social e ritos de passagens. A dança se apropria do corpo como linguagem, tornando-o matéria-prima de disposições sociais, nesse sentido outros códigos corporais são redefinidos, levando a uma nova linguagem (RIBEIRO, 2008).

O corpo é o principal meio de linguagem usado para transmitir a dança. Culturalmente este universo é ordenado por meio da organização das regras sociais sobre a natureza, variando em relação aos períodos históricos. Assim, o corpo é visto como privilegiado por pertencer aos dois mundos, o natural e o cultural. A história e a cultura deixam nos corpos suas convenções, as maneiras de pular, sentar, dançar, andar, ficar de pé e até mesmo dormir são exemplos dessas convenções sociais.

Visto mais social que individualmente, o corpo revela a vida coletiva através de metáforas. Em relação ao corpo do dançarino, ele assimila vários movimentos padronizados, exigidos pelo professor ou mestre. É através de técnicas e códigos adquiridos que os integrantes passam a almejar pertencimento e prestígio, próprios de cada estilo de dança praticado como observa Le Breton (2006, p. 64) quando fala que “as ações do corpo ao longo da existência do homem, ao contrário de serem artefatos da organização biológica e instintiva obedecem muito mais à simbólica social e cultural”.

Em Imperatriz, cidade do interior do Maranhão, a dança é praticada pelo grupo Batalhão Real liderado por Maria Francisca Pereira da Silva, conhecida por “Francisca do Lindô”.

A Dança do Lindô, como geralmente acontece no campo das pesquisas sobre cultura popular tem poucas fontes impressa, dado seu caráter oral e coletivo, e por isso é difícil determinar onde surgiu e a partir de quando. Ela é uma manifestação artística transmitida através da história oral, tendo sido passada de pais para filhos através da oralidade, incorporando os hábitos e as memórias do povo que lha dá vida.

A pesquisa de campo realizada entre os meses de junho a dezembro de 2010 através de entrevistas possibilitou um mapeamento dos lugares de manifestação deste folguedo no Maranhão. As cidades de Caxias, Imperatriz, João Lisboa e Davinópolis trabalham a dança em suas comunidades.

Histórico da Origem da Dança: Breve Relato dos Mestres na dança do Lindô



Os relatos dos mestres do Lindô no Maranhão permitiram descobrir a trajetória da dança desde os povoados da cidade de Caxias, município que está localizado a leste do estado até a cidade de Imperatriz, localizado no sul do Maranhão.

Dona Francisca, mestra do Lindô em Imperatriz tem 67 anos, é natural do povoado de “Água Fria” na cidade de Caxias. Aprendeu sobre a dança com os pais e hoje é responsável por disseminar a dança em Imperatriz. Através de seus ensinamentos alguns “seguidores” levaram a dança para outras cidades vizinhas como João Lisboa e Davinópolis.

Os mestres do Lindô em Caxias, Manoel Vicente Pereira Filho e Raimundo Nonato também aprenderam a dança com parentes, avós, tios e vizinhos. Ambos trabalham há mais de 15 anos com o Lindô nos povoados de Caxias e conhecem sobre a origem o que os mais velhos contam.

Sobre a origem da dança todos relatam a mesma história. Aprenderam com pais, avós, as pessoas mais velhas da cidade. Diversas versões aparecem quando se pergunta sobre a origem da dança. O mestre Manoel conta uma versão da história: “Quando eu conheci a dança ela já existia, meus tios me contaram que tem a ver com a dança dos escravos, eles diziam que os escravos dançavam escondido na senzala”. (Manoel Vicente Pereira Filho, 46 anos).

Através da memória vivida nos povoados de Caxias os mestres da dança, Francisca do Lindô, Manoel Filho e Raimundo Nonato, mantém viva a tradição do Lindô por meio de seus ensinamentos. A dança faz parte do seu cotidiano e da construção da identidade do seu povo (POLLAK: 1992).

Aos cinco anos de idade Dona Francisca aprendeu a dançar o Lindô com seus pais. Cândido Satil de Oliveira, pai de Dona Francisca além de ensinar os passos, ritmos e sons da dança, ensinou como a dança entrou na família. Dona Francisca descreve como o pai contou a história da dança:

meu pai me contava que sua mãe foi criada no meio dos escravos, ela não era escrava, mas foi criada por eles e aprendeu com os negros que dançavam o Lindô, a mangaba e o Baião. Minha avó dizia que o Lindô é a dança do Boi trocado que era a dança do boi, só que ao contrário. (Maria Francisca Pereira da Silva, 67 anos).



Dona Francisca conta ainda que seu pai Cândido Satil, disse ter aprendido com a mãe que foram os portugueses que levaram a dança para Caxias:

Meu pai me falou que a avó dele que vivia no meio dos escravos aprendeu a dançar o Lindô com eles. Ele me disse que essa dança veio para o Brasil em 1772, por dois irmãos que vieram de Portugal e chegaram em Caxias, aí eles começaram a ensinar o pessoal a dançar o Lindô. Lá em Portugal, eles conheciam ela como a Dança do Lindo, eu acho que foi uma mudança na língua que fez com que mudasse para Dança do Lindô (Maria Francisca Pereira da Silva, 67 anos).

As histórias sobre a dança são contadas sob diversos aspectos. Segundo Raimundo Nonato, “O Lindô já está aqui desde que eu nasci o povo sempre brincou na época da quaresma. Diziam que era para espantar o sono entre uma reza e outra, mas de onde ela veio isso eu não sei te dizer não”. Ele é mestre do Lindô em Caxias desde 1985, hoje desenvolve um trabalho através da Companhia de Expressões Folclóricas, instituída por ele.

A pesquisa demonstra que a história de um povo vai além dos registros impressos e esse registro deve ser transmitido através de diversas fontes, seja ela, escrita, oral, através de lugares da memória. Para Armindo Boll e Marcelo de Oliveira (2006):

(...) todos os povos têm direito à sua história, seja ela oficializada e guardada em “lugares de memória, tais como museus, bibliotecas, monumentos de pedra, etc.; ou aquelas que são relatadas através das gerações por outros meios que não os oficiais (BOLL; OLIVEIRA, 2006, p. 119).

No Maranhão o registro da Dança do Lindô existe através da história oral, contada e/ou ensinada pelos parentes, como pai, avó, mestres como Dona Francisca aprenderam com os pais, e hoje transmite para os filhos, netos e vizinhos, através de grupos como “Batalhão Real”.

Grupo Batalhão Real: Propagadores da Dança do Lindô em Imperatriz-MA



O Batalhão Real é um grupo que dança o Lindô em Imperatriz organizado por Dona Francisca desde o ano de 1984. Portanto, há 26 anos o grupo brinca o Lindô que é uma manifestação popular dançada aos pares ao som do tambor e alguns passos lembram a quadrilha da festa junina.

Como a dança não é originária da cidade precisou de um período de adaptação para que os moradores compreendessem a dança e o que ela representa. Ao sair da cidade de Caxias o Lindô assumiu um papel de ator social, tentando se encaixar na nova realidade apresentada, com novos hábitos, costumes, enfim, novos padrões culturais (SCHUTZ, 2010).

Através do Grupo Batalhão Real, a dança foi se encaixando nos padrões da nova realidade. A primeira apresentação do grupo não foi bem recebida, pois a cidade não compreendia os significados da dança. A mestra do Lindô contou que levou um tempo até as pessoas acostumarem com as apresentações. “A primeira vez que eu fui cantar na praça da cultura, eu tava cantando e o povo gritando – Vai embora! Vai embora! Pára de macumba!” (Maria Francisca Pereira da Silva, 67 anos).

Os anos permitiram a esta dança uma familiaridade com a cidade incorporando os sons do tambor com naturalidade. O desconhecimento da comunidade em relação ao som do tambor são explicadas pelas tipificações da interação social “A realidade da vida cotidiana contém esquemas tipificadores em termos dos quais os outros são apreendidos, sendo estabelecidos os modos como lidamos com eles nos encontros face a face” (Berger/Luckman, 2007).

O imperatrizense aprendeu que o tambor era usado nas festas de macumba e que a macumba é algo negativo para a vida social. Por terem esquematizado essa condicional houve um preconceito estabelecido. Foi necessário trabalhar um pouco da identidade da cidade nas letras das músicas, a participação dos moradores e o carisma dos brincantes para quebrar esse preconceito.

Durante as apresentações os brincantes utilizam vestimentas brilhantes, cores fortes como artifício para prender a atenção dos expectadores. As roupas das mulheres são saias coloridas, bem floridas e rodadas para dar movimento à dança. Os homens usam calça de linho de cores lisas e blusas de manga comprida com estampa.

O grupo Batalhão Real é composto por 32 participantes com idade a partir de 6 anos, todos do Bairro Santa Inês, da cidade Imperatriz no Maranhão. O bairro Santa Inês está localizado na periferia da cidade, com péssima infraestrutura. As casas do bairro são de madeira e algumas tijolos, mas ainda existem áreas de terreno vazio.



As distinções do bairro caracterizam a dança do Lindô como um grupo urbano marginalizado como classifica (BELTRÃO, 1980, p.55):

Os grupos urbanos marginais concentram-se em aglomerados de moradias (favelas) erguidas em morros alagados e terrenos baldios. As construções não obedecem a qualquer planejamento arquitetônico, nelas utilizando-se material o mais diversificado: madeira, barro, folhas de zinco... Pela precariedade desses materiais os moradores estão sujeitos às intempéries e a frequentes sinistros, como incêndios e desabamentos, sendo vítimas de enfermidades.

Os ensaios ocorrem no bairro Santa Inês, na rua em frente à casa de Dona Francisca. A casa da mestra do Lindô é de madeira e piso batido, as portas são improvisadas com cortinas de tecido, o quintal é o lugar de ensaio das crianças menores.

O local para o ensaio é uma dificuldade que o grupo enfrenta para manter as apresentações, pois dependem do clima para marcar os ensaios. Se chover, fica impossível reunir o grupo. “Se Deus quiser eu ainda vou construir meu salão na parte aqui da frente de casa, onde fica essa sala, aqui vai ser o lugar dos ensaios da Dança do Lindô. Os políticos dizem que vão me ajudar, mas até agora não consegui nada”(Francisca do Lindô, 67 anos).

As apresentações do grupo costumam ser frequentes no período junino, pois nessa época o grupo é convidado pela prefeitura, universidades, quartel, pontos de cultura e outras instituições para fazer parte da programação das festas. Geralmente o Lindô, assim como o Cacuriá e o Boi se apresentam antes da tradicional dança de quadrilha e servem como atrativo para abrilhantar as festas juninas.

O Batalhão Real sob uma perspectiva Folkcomunicacional

A Dança do Lindô é uma rica expressão da cultura maranhense repleta de significados, transmitida de geração em geração e é um símbolo de resistência cultural em Imperatriz. Através das manifestações populares o povo se faz presente na sociedade, se afirma no âmbito da superestrutura ideológica e nela encontra sua tribuna, pois se o povo utiliza formas antigas para se exprimir, não faz apenas porque tiveram importância no passado, mas porque tem importância para seu futuro (ROBERTO apud BENJAMIN, 2004).



A sociedade é organizada em grupos que vivem organizados seja pela etnia, classe social, orientação sexual, entre outras formas de pertencimento. A sociedade, portanto, é formada por uma heterogeneidade cultural. Esses grupos são grandes e dispersos, o que dificulta uma comunicação direta entre eles. Daí, a emergência da mídia na contemporaneidade, ao interligar os diversos discursos, dar visibilidade às diversas culturas e proporcionar uma comunicação de massa, ou seja, de grande alcance, podendo abranger grande parte dos grupos identitários que compõem a sociedade – seja por questões mercadológicas, ao enxergar esses grupos como consumidores potenciais; seja pela própria natureza do campo comunicacional que se define como um “tradutor de realidades”, um campo dissolvido nos outros campos sociais (econômico, jurídico, político, artístico, científico...) que serve de elo para os agentes sociais e lhes proporciona visibilidade midiática.

Atualmente os grupos identitários estão em permanente disputa para obter essa visibilidade midiática, que pode implicar em ganhos financeiros, em maior reconhecimento social, em direitos e garantias coletivas com a implantação pelo Estado de políticas públicas específicas para os grupos.

Podemos citar diversos casos de movimentos identitários que ganharam força ou repercussão na mídia: as ações afirmativas reivindicadas pelos movimentos negros e indígenas no Brasil; as campanhas para garantir a acessibilidade; o movimento GLBTT, que adquiriu vários avanços no âmbito jurídico, como a união estável reconhecida entre casais homossexuais; e, dentre muitos outros exemplos a serem citados, cabe destacar aqui o reconhecimento oficial pelo Estado Brasileiro – através do Ministério da Cultura – de artistas que por não possuírem instrução formal ficavam relegados ao anonimato ou ao preconceito social, como se tratasse de uma “cultura inferior”.

É o caso dos mestres da cultura popular, responsáveis pela manutenção e perpetuação de manifestações tradicionais do país, que possibilitaram conhecermos hoje, no campo artístico, um patrimônio cultural tão diversificado. Dona Francisca do Lindô se encaixa nesse perfil e recebeu como já nos referimos, o título de mestre da cultura.

As manifestações populares comunicam para quem deseja ser comunicado, como afirma (Beltrão, 2004, p. 28):

A comunicação coletiva não se faz entre um indivíduo e outro como tal, mas em forma colegiada: o comunicador é uma instituição ou uma pessoa



institucionalizada, que transmite a sua mensagem, não para alguém em particular, mas para quantos lhe desejam prestar atenção.

A Dança do Lindô consegue resistir na cidade porque encontra pessoas que se comunicam com ela, seja através do modo peculiar da dança, seja através das lembranças dos momentos de infância que a dança de roda traz ou das músicas que além de transportar o indivíduo a outra época ainda o possibilita confrontar o passado com o presente.

Para se comunicar com a sociedade imperatrizense a dança sofreu alguns processos de tradução. Em Caxias, cidade maranhense de onde veio o Lindô de Dona Francisca para Imperatriz a manifestação tem sua principal apresentação na época da quaresma, por fazer parte deste período religioso auxiliando os fiéis a manterem-se dispostos até o final das orações.

Com o tempo a roupas dos brincantes sofreram adaptações. Hoje as meninas exibem a barriga, o que era inadmissível em épocas anteriores, pois os brincantes se orgulhavam da falta da inocência no gingado. O que notamos hoje é um forte apelo sexual midiático na maioria das manifestações artísticas, seja na dança ou na música, onde só faz sucesso quem atende a este apelo. Por isso que a cobertura do corpo nas vestimentas e a inocência das letras das músicas permitiam a dança na frente das igrejas na época da quaresma.

Por outro lado, essas adaptações fazem parte do curso natural da história, como observa Carneiro (apud BELTRÃO, 2004) “sob a pressão da vida social, o povo atualiza, reinterpreta e readapta, constantemente, os seus modos de sentir, pensar e agir em relação aos fatos das sociedades e os dados culturais do tempo”.

A folkcomunicação foi o termo criado por Luiz Beltrão em 1967 na sua tese de doutorado que classifica qualquer tipo de informação por meio do folclore ou das manifestações culturais através do “estudo dos agentes e dos meios populares da informação de fatos e expressões de idéias”.

A folkcomunicação informa através dos suportes culturais, como é a Dança do Lindô em Imperatriz, que apresenta uma vertente informacional e recursos midiáticos não convencionais, na medida em que estabelece nichos de comunicação com a comunidade, agregando vizinhos, amigos e apreciadores da brincadeira; ao se apresentar nas praças, nas ruas, nos palcos da cidade e também no seu terreiro a Dança do Lindô está se utilizando da sua principal estratégia de comunicação, através das músicas, dos



passos, das expressões faciais, das orientações de Dona Francisca, da interação dos brincantes com o público. É assim que a brincadeira deixa seu recado, dizendo que existe e resiste ao tempo, às pressões do mercado e da mídia oficial que privilegia padrões estéticos de fora, à falta de apoio financeiro, à inexistência de políticas públicas na cidade.

Em Imperatriz, o grupo Batalhão Real possui pouco acesso aos canais midiáticos e são raros os momentos em que obtém visibilidade nesses meios massivos. No entanto, ocasionalmente, percebe-se uma ação ou outra das emissoras de comunicação motivadas por movimentos sociais independentes em prol da arte e da cultura, destacando a importância dos mestres da cultura popular, divulgando oficinas e apresentações através de sites ou blogs.

Os movimentos OCUPARTE e a Casa das Artes utilizam os endereços eletrônicos www.ocuparte.blogspot.com e www.artesdacasa.blogspot.com, além desses movimentos sites de notícias como Jornal Pequeno e Estado do Maranhão e o jornal impresso local, O Progresso e as TV's nos jornais da Mirante (retransmissora da Rede Globo No MA) e Difusora Sul (Retransmissora do SBT MA) oferecem menos destaque veiculando notícias sobre o Lindô geralmente na época junina quando a dança se apresenta nos arraiais. Os brincantes têm consciência que devem aproveitar essa época para conquistar espaços na mídia.

Nas rádios locais as manifestações populares apresentam menos destaque, a Dança do Lindô praticamente não existe neste veículo que se apresenta como porta-voz da indústria cultural. A Rádio Nativa⁶ na cidade e na Região Tocantina está sempre promovendo eventos como shows de médio e grande porte na cidade e Região. Em 2010 trouxe shows de forró como Aviões do Forró, Forró do Muído, Alta Classe; O

⁶ A Rádio **Nativa FM 99,5** foi fundada em novembro de 1989. Com um perfil popular, a Nativa FM oferece uma programação variada. Essa programação super variada, ou seja, música para todos os gostos originou no ano de 1994 a implantação de um departamento de eventos, à realização de show's com grandes nomes e gêneros da música brasileira como por exemplo Zezé di Camargo e Luciano, Limão com Mel, Amado Batista, Mastruz com Leite, Daniel, Magníficos, Kassycó, Calypso e Companhia do Calypso, trouxe a Nativa FM credibilidade junto aos seus ouvintes e parceiros; e ainda a liderança neste segmento.

Foi a primeira emissora de rádio da região a implantar o jornalismo em FM com programas de variedades no intuito de abrir espaço para as comunidades cobrarem seus direitos, um diferencial marcante que contribui bastante para o destaque desta emissora entre as demais da região. Operando com 10 mil watts de potência e totalmente digital, hoje alcança três estados da federação, sendo eles; Maranhão, Pará e Tocantins.



Tecnobrega representado pelas bandas Batidão, Ravelly e o Brega com o Washington Brasileiro, Mariosan Rocha. Como suporte as estas bandas a rádio toca praticamente o dia inteiro as músicas desses artistas em contrapartida recebe os lucros dos shows e o destaque para o veículo.

A Dança do Lindô traz uma estrutura cultural e informacional muito forte, contribui precisamente com a formação e disseminação da memória, com a regionalidade e identidade popular principalmente através das letras das músicas que priorizam o cotidiano. As letras das músicas eram utilizadas como mecanismo midiático de disseminação de informação onde expressavam as informações sobre o tempo (chuva, sol), morte, amor, descrição de povoados, cidades, portanto se transformou em um meio de comunicação popular.

A música de domínio público “Boi do Brejão”, presente no CD “Batalhão Real” cantada por dona Francisca apresenta o cotidiano rural nas músicas do Lindô:

Eu queria ser vaqueiro (Vamos vadiar)
Nem que fosse de ovelha (Vamos vadiar)
Aquela que veste saia (Vamos vadiar)
Que tem brincos nas orelhas (Vamos vadiar)

Olê meu boi (Vamos vadiar)
Boi do brejão (Vamos vadiar)
A Maria Pinicão (Vamos vadiar)
Olha o bicho do rabão (Vamos vadiar)

Trovão que troveja longe (Vamos vadiar)
Já está querendo chover (Vamos vadiar)
Onde estará meu bem (Vamos vadiar)
Com vontade de me ver (Vamos vadiar)

O fogo quando se apaga (Vamos vadiar)
No fogão deixa calor (Vamos vadiar)
Os amores quando se afastam (Vamos vadiar)
No coração deixa dor (Vamos vadiar)

Você disse que amor não dói (Vamos vadiar)
Na raiz de um coração (Vamos vadiar)
Queira bem e viva ausente (Vamos vadiar)
Veja lá se dói ou não (Vamos vadiar)

A Música Boi do Brejão utiliza os padrões estéticos da Dança do Lindô que recorrem à vida no Campo. O Boi do Brejão está sentindo dor pelo amor ausente, perdido. O vaqueiro é tido como a elite da fazenda e por isso deseja ser vaqueiro. Ser vaqueiro na fazenda é como ser rico na cidade, ter um bom emprego e poder oferecer



uma vida de regalias para a mulher amada, nesse caso a “Maria pinicão”, que para ele é uma mulher bela e sensual que veste saia e se enfeita ao usar os brincos nas orelhas. Na música esse homem apaixonado sofre por não ter a mulher amada presente e sabe que mesmo com a distância o amor vai continuar existindo em outra intensidade.

O Lindô representa um marco do que foi e do que ainda se vive na cultura maranhense aproximando o real e o imaginário, se comunicando através da arte da dança e da música. Esta dança é, portanto, um meio de informação que atua pelo e para o povo; comunicando de forma simplificada, e criando seus próprios processos e fluxos de informação, o que o torna um instrumento da folkcomunicação.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.

BENJAMIN, Roberto. Folkcomunicação política na literatura folclórica brasileira. In: VII Conferência brasileira de Folkcomunicação. 2004. Disponível em: <[http://www.eventos.uepg.br/ojs2_revistas/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path\[\]=465&path\[\]=332](http://www.eventos.uepg.br/ojs2_revistas/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path[]=465&path[]=332)> Acesso em: 10 de junho de 2010.

BERGER, L. Peter; Luckman Thomas. **A construção social da realidade**. Ed. Vozes, 2007.

BOLL, Armindo; OLIVEIRA, Marcelo Pires de. **A pesquisa de Campo em Folkcomunicação – escolhas de métodos de coletas de dados**. IN: SCHIMIDH, Cristina (organizadora). Folkcomunicação na arena global: avanços teóricos e metodológicos. 1º Ed. São Paulo: Ductor, 2006.

BRETON, David Le. **A Sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

POLLACK, Michael. **Memória e Identidade Social** In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol 5, Nº 10, 1992

RIBEIRO, Tânia Cristina Costa. **Nos Bastidores Da Dança Contemporânea: Estudo sobre a corporalidade e formas de sociação**. (dissertação), São Luís, 2008.

SCHUTZ, Alfred. O Estrangeiro – Um ensaio em Psicologia Social. Revista Espaço Acadêmico – Nº 113 – Outubro de 2010.